

Prefácio

Em maio de 1998, durante o VII Simpósio Nacional de Pesquisa e Intercâmbio Científico (realizado em Gramado, RS), reunia-se pela primeira vez o GT - Subjetividade, Conhecimento e Práticas Sociais -, proposto e aceito como um Grupo de Trabalho da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia).

Essa inscrição marcava uma mudança importante que começava a se operar não somente na própria ANPEPP, como também na Psicologia como Ciência, que se via atravessada por forças históricas, políticas, sociais e econômicas, obrigando-a a abrir-se ao diálogo com outras disciplinas, promovendo rupturas, ampliando conhecimentos, acolhendo novas idéias e diferentes visões de mundo.

Desse encontro resultou uma viva discussão, desenvolvida por pesquisadores de vários estados do Brasil, ao discorrer sobre suas pesquisas acerca da subjetividade (com o conhecimento e as práticas sociais que assumem), apontando para uma ampla variedade de campos empíricos, apoios teóricos e construções metodológicas.

A idéia de juntar esses trabalhos tem o objetivo de socializar essa discussão, que é muito mais uma articulação de fios em torno de um tema que está sendo tecido, como uma trama que vai deixando entreabertos espaços, acolhendo o novo, o que está sendo gestado. A presente edição se compõe de cinco trabalhos apresentados no referido

encontro e três incorporados posteriormente, fazendo parte deste movimento que é o de ir construindo fluxos e devires.

Marisa Faermann Eizirik e Tania Mara Galli Fonseca analisam algumas relações entre ciência e poder, tendo como base as contribuições de FOUCAULT e como foco a Psicologia Social, enquanto campo epistemológico de produção de conhecimento e de efetivo exercício de práticas sociais. Discutem a crise da Psicologia Social em tempos de globalização e pluralidade, apontando para a necessidade de profundas mudanças nos discursos e práticas científicas e profissionais.

Margarete Axt e Cleci Maraschin, em um estudo realizado sobre narrativas avaliativas e ensino à distância (via telemática), identificam duas categorias analíticas operativas: uma referente à construção de conhecimento na rede telemática e outra vinculada ao processo de constituição das relações interindividuais à distância. Com o apoio nas teorias da auto-organização e da autopoiese, mostram uma relação de solidariedade radical entre as duas instâncias de ser/agir do sujeito, quando mediadas por uma escrita de autoria que visibiliza pensamento e emoção.

O trabalho de **Maria Cecília Rafael de Góes** aborda relações entre processos dialógicos e construção de subjetividade, focalizando a situação de sujeitos surdos e aspectos das práticas sociais que afetam suas experiências no contexto educacional. Os resultados mostram o “lugar” que a criança surda ocupa nesse contexto, onde a representação de “ser surdo” é similar à de “ser incapaz”, e denunciam a negligência dos projetos socioeducacionais em relação às peculiaridades linguísticas e culturais dos surdos.

O trabalho de **Cláudia Rodrigues de Freitas** analisa as temáticas da subjetividade, do poder e da diferença em um grupo de mulheres professoras de Educação Especial, numa articulação com a escolha e o exercício dessa atividade. Através de uma escuta atenta, discute as marcas contidas nas trajetórias dessas mulheres, e aponta os ecos e vozes da diferença.

Carmem Ligia Iochins Grisci aborda três categorias: trabalho, tempo e subjetividade, entrelaçando-as no fenômeno da constituição do sujeito. Acenando para as mudanças que constróem o cenário contemporâneo - tanto a reestruturação produtiva, os novos regimes temporais como as novas tecnologias - mostra os afetamentos que se produzem na subjetividade, criando novos modos de trabalhar, novos

modos de subjetivar.

Tania Mara G. Fonseca, em seu artigo, analisa algumas articulações entre trabalho, educação e gênero considerando-os como agenciadores do modo capitalista de produção de bens, serviços e homens.

Maria Juracy Tonelli Siqueira parte das concepções de FOUCAULT sobre o poder como circulante e constituidor de práticas e formas de subjetivação e lança um olhar sobre três quadros sintomatológicos considerados “femininos”. Através de sua produção, seus sentidos e seus efeitos, discute as explicações largamente difundidas sobre assujeitamento, instalação e especificidades da doença, procurando ampliar a compreensão dos fenômenos a partir dos conceitos de poder, resistência, tecnologias de si e estratégias de dominação.

Finalmente, o trabalho de **Andréa Vieira Zanella**, ao refletir sobre a “constituição do sujeito” na perspectiva histórico-cultural, via relação professora-aluna de renda de bilro, mostra como a apropriação da atividade - no caso uma atividade artesanal que se encontra em processo de franco declínio na Ilha de Santa Catarina - pode ser um campo importante para a reflexão sobre as múltiplas significações do ser e do fazer.

Estes trabalhos foram compostos como uma trama que se entetece no próprio movimento de viver, pensar, escrever, pesquisar, sentir, ler. Buscam discutir algumas questões que marcam o complexo e multifacetado cenário contemporâneo da Psicologia Social. Como um rio que segue seu fluxo, se espraia nas margens, se desdobra em um sem número de riachos, lagoas ou mesmo outros rios, estes textos são um convite a participar do movimento da água, para não deixar estancá-la.

Marisa Faermann Eizirik & Andréa Vieira Zanella
Editoras Especialmente Convidadas